

O BALUARTE



Orgam official do "Centro Litterario dos Homens de Côr"

DEDICADO A DEFEZA DA CLASSE

ESTADO DE SÃO PAULO

Campinas, 15 de Janeiro de 1904

ANNO I — NUM. 3

EXPEDIENTE

REDATOR CHEFE - Benedicto Flóres.

REDACTOR GERENTE - Prof. Francisco José de Oliveira.

Redacção e Administração

COLÉGIO DE S. BENEDITO

Rua General Carneiro n.º 153

CAMPINAS

Toda correspondencia relativa a administração e cartas com valores, deve ser dirigida ao redactor geral, na sede da administração.

A Redacção sómente se responsabiliza pelos artigos que foram publicados sem assinatura.

ASSIGNATURAS

ANNO	6000
SEMESTRE	4200
TRIMESTRE	2800
ANO	6000

Campinas, 20-12-903.
S. O.

"AO COMMERÇO DE CAMPINAS"

Como justa homenagem ao intelectual paladino das ideias liberais, «O Commercio de Campinas», cede-nos hoje o nosso lugar de honra ao luminoso artigo com que esse intrépido atleta do jornalismo brasileiro se dignou honrar-nos em o número 1014 publicado a 20 de Dezembro do extinto anno de 1903.

"O BALUARTE"

Pocas vezes sentimos entusiasmo, com o apparecimento de um jornal, muito embora a sua apreensão no publico traga promessas que satisfazem as aspirações as mais legítimas; mas com jornal cujo nome encerra estas linhas, o caso é muito diverso: surpreiso, que pretende elle como legitimo organo da classe de homens de côr levantar essa classe tanto tempo aviltada em nosso país.

E, por isto, e só por isso, esse jornal digno dos maiores elogios e da mais elevada sympathia por parte da população campineira e, todo homem amante da liberdade e do engrandecimento do nosso paiz não pode deixar de ver com bons olhos, como prestar toda contribuição a esse jornal que, representante de uma classe só ha pouco opprimida, por si só dá uma ideia elevantissima da sociedade em cujo meio vê florescer pre-

templos tão justas como abjas as da classe dos homens de côr da nossa cara Campinas.

E' mais que louvável, honra inteiramente a classe de homens de côr a existencia de um organo que quando pelos interesses da classe, ao mesmo tempo se prepara para as lutas da vida, ensinando-as a ser cidadãos no mais restrito sentido da palavra.

Agora que o egoísmo latra com intensidade entre todas as classes sociais, chegando ao ponto de atrair-se ao lixo o civismo outrora religiosamente guardado entre os nossos antepassados, agora, dizemos, se a ocasião azarda para a classe dos homens de côr, levantando-se, dão-nos uma lição de civismo, cumprindo-se assim o texto das Sagradas Escrituras: «os ultimos serão os primeiros.»

«O Baluarte», pois, as nossas felicitações entusiasticas e o protesto da nossa admiração e estima.

Campinas, 20-12-903.

S. O.

A MISERIA

A SOCIEDADE AMIGA DOS POBRES

E AS Albergues Nocturnos

Atravessa a nação brasileira um dos períodos mais agudos de sua vida financeira e de frágeis desorganização dos seus créditos.

A crise medonha que assobrava o paiz, a manifestação magistral do pensamento racional, a vida agitada do mecanismo social, o enfraquecimento orgânico da actividade comercial e os desvarios inqualificáveis da nossa administração política, tudo isso e o pronunciamento terrível do negro futuro que nos espera.

O povo no auge do desespero e na eminentia duma grande desgraça, percorre desorientado todo este vasto Brasil procurando ansiuosamente aquella Patria Livre dourada, onde a Justiça não era uma simples fiação e onde a lei tinha a supremacia de impor nas consciencias com dignidade e sem violencias.

Mas, em toda parte onde procuramos lenitivo aos nossos males, onde esperamos encontrar a tranquilidade espiritual, J. repousou do nosso organismo de pouparado que cada dia mais se aniquila, só encontramos o cla-

Unita a genti avvolta in nero manto
Con un bambin fra le sue braccia stretto
Maria, la Virgine, al tempio Santo
Delle leggi comprir va 'l gran preccetto.

Ecco venuto 'l di tanto bramato
Pria da' Profetti nei lor tristi versi:
Veggio Simeón stringer il neonato
Di caldo lacrime assai gli occhi immersi

Verrà la punt a dun acuto acciaro
Simeón disse, a trapassari: 'l core
E tu sarà di lungo pianto amaro
Dotata un giorno e di crudel dolore.

Ecco la sposa! ecco la fortunata
La benedetta fra le ebree donnezze
Tu vai di glorie, o Virgen, coronata
Del Ciel regina a passeggiar le stelle.

Miserere di noi, o Virgine Santa,
Di noi che andiam per questo basso loco
Perduti in mezzo a spessa nebbia e tanta
Per cui si fa l'omaggio nostro poco.

A Te chi i preghi ascolti e le querele
Di noi miseri ed umili mortali;
Volgi pietosa a noi 'l tuo sguardo fiele,
Noi che travolti siam da tanti mali.

Oh ceppo di Davide, inclita prole!
Tu che pensier desti agli antichi vati,
Salvo e Maria, e splendente come 'l sole
I trofei tuoi sien sovra Inferno alzati.

Campinas 29-12-1903

José Gabriel Martins

môr unisono da nação que agonisa presa de medonhas convulsões. A miseria invadiu todos os ambitos, habita em todos os reantos, germina a dor, a fome, a morte em todos os recônditos deste infeliz pedago da America Latina.

Turbulhos de mendigos, planos de maltratilhos pedintes nos assaltam a todo momento, a qualquer hora quer seja nas praças públicas quer seja nos corredores das nossas residências.

E, quem não esses miserios que assim estendem as mãos apelando para o nosso sentimento caritativo? quem são? devidem-se em tres classes distintas: 1º servidores da Patria, veteranos do paraguai, voluntários de honrem e degragados de hoj; 2º pretos alquebrados sobre o peso de mil sofrimentos, desformes pelos hediondos castigos phisicos

que sofreram, martyres de honrem e degragados de hoj; 3º finalmente, pobres estrangeiros que deixando o céu poético e limpido de seu paiz amado, deixando filhos e esposas, parentes e amigos, vieram ali este Paiz a procura da sua subsistencia afim de minrar a pecaria situação que os dellinava. Estes são os felizes em sua terra natalicia e miseraveis no paiz adoptivo porque vivem nelle, quando não perseguidos, mutilados pela lingua rogenta dos idiotas jacóbinos.

Mas, apesar de tamanha infilho ainda ha caridade no nosso povo, ainda ha sentimentos nobres e elevados em prol desses infelizes. Assim é que, com a maior das satisfações assistimos à inauguração dos Albergues Noturnos e da sociedade Amiga dos Pobres.

Esse exemplo edificante d'um

grupo de moços gloriosos iniciadores de tão bela ideia, nos fortifica e nos anima a prosseguirmos na jornada santa do Bem, empenhando todo o nosso esforço e boa vontade para auxiliar eficazmente aqueles que velhos e sem recursos morrem por aí atirados como se fossem seres despresíveis e eliminados do convívio social.

I Ao illustre moço sr. Reynaldo Laubenstein e seus dignos companheiros nesta grande empresa puramente christã, os nossos sinceros aplausos e, à sociedade campineira as nossas felicitações por mais esse passo que muito a vao ennobrecer no engrandecimento do seu nome e da sua fama.

OPERA

Em nome de todos negros, que nos 15 anos festejamos dedicando este livro, a que fui seu amigo, offereço a dedicação O B A L U A R T E.
John Carlos Jesus — Hospício 82 — Rio.

Como se vê, o poeta era creançaria, não devia ser grande o seu cultivo intelectual; entretanto cumpre ponderar que o seu livro foi muito além da minha expectativa.

Sim, não queria dizer que seja a *Opera* de Basílio Seixas um trabalho de grande mérito artístico, pois, nesse ato se encontram muitos defeitos de métrica, de colocações de pronomes etc., mas encarando a edade do poeta, sou forçado a dizer que, para mim, é elle um prodigo.

Si ha no seu livro versos quebrados, mal metrificados, ha também versos que honram e gloriam a seu autor, quer pela belleza da forma, quer pela profunda coordenação de ideias ou pela naturalidade com que são escritos como foram estes:

ESTAÇÃO ETERNA

Que a folgaria das aves durante
Em um coto estrangeiro a sombra prega,
O céu volta já se passa,
Consoa a voz dos passantes levadas;

Que voar de orélia um negro bandô,
Além estrando de dia de arroz,
Acompanhado as novas polpas,
O pinto bocão acompanhando;

Que o céu é o galo, herdei já deles;
Que, de luto e amargura os fúneis;
Por ali ficou, se julga uns chines!

Autumnal evocação
Mas, como recordar que o mal existe,
Má, donde que mais amar me instruir,
Todas as estórias são príncipes?

Como se nota, o poeta revela neste poema o seu robusto talento e no entanto ainda não é tudo. Ha outros versos melhores que encantam mais, entusiasmam e deleitam ao leitor.

Lede estas similitudes nela apontadas, eis o resultado:

PRELUDIO

«Quem é de que mago é seu abijo secundário
Desse verso é de origem velha fico curta a tese?
E a lugubre rima de dor me revolte
A perguntar: «Quem é?»

Um Nado que no Vento as encostas ensorri
E que no Vento beija a ondinha pra
Ola! não salha que é e nem salha o nome
Desse pôr pynem, tão pôrce que tosar.

Bombar, valta, pláter, em indio, um gigante
Que tem os olhos atraentes da roda matinada
Desta loba o lobo é todo a sara, distante
E vira o cirajá?

Quem quer que seja, a dor sente a seguir do porto
Chamando-a a pensar os homens a uns conselhos;
Bente em toda a sua alma um fundo deserto
E em Vida a sua vida um aspecto de loucura?

Ensinando o Verso — o verso unicamente
A vida lhe irradia, como a facha de las
Que levava uma caverna escura e, de repente,
O tom final reduta?

Que tem os de verder de seu nome, anexo ja está
Palacianho-lhe ilustrado e falante confuso?
Ra hasta, coesa víva, amanzi pôr extinto;
E ai do que morre vivo e ai do que vive morto?

Eis sente os Sotho os golpes mais profundos
E, assim, negro e criado... Rancho das sensações
Em davida, faltas gaga os extratos mundos,
— Extratos aspéticos!

E, do longe, talvez por entre os meus dispares
Sino, ser da corrente a cintura da palma.
Dirá, voltar por terra a arrestando das venas
Como longa alvoriza de flóres da sua alma...

Pra apachalhar quem aí comeu carne a raposa ?
Quem tem das quais saher o é deycor os os é filo ?
Também — ah! — quando insocia impôrta a
... Insocia

Um forte capitão?

Avançando revoi que um dia se evapora
Nem estalar cigarro que só a sua sorte.
Vidro no hóje a cantar e varar sem desgraça
Cantos em sobre a tumba ou para a morte;

Assim — negro e criado — aos sonhos imortais,
Sauda com maldina e com sua chorosa...
Ora! Eu vim agora as portas de sua verna?

— Extrato.

Querido, caríssimos leitores, mais
vida e mais poesia do que isto !

Sendo estes alexandrinos, como
vedes, simplesmente bellos, magnificos, havendo nello tanto quanto
se pode esperar de um vate, tomo
eu a liberdade de perguntar: Deve,
será que o meu dever é? Deve,
rel, como geralmente fazem, lançar
muito dos versos quebrados, defeitos,
para esmagar o poeta com o
prazo de uma critica impiedosa !!

Seria isto justo? Seria este o meu
papel a desempenhar? Creio que não.

— Pois bem...

A meu ver, Basílio Seixas era
um verdadeiro poeta e, si a morte
não o ferisse tão cedo, querer acrédi-
tar que elle estaria hoje figura-
ndo entre os bons poetas brasilei-
ros e por conseguinte dando nos-
sas gravidíssimas leituras de sus la-
vras.

E' esta a conclusão que tiro do
seu livro.

Quanto aos erros de colocações de
pronomes, que são destra natureza:
«... consola-me que a vida...»

Resumese num sonho... e eu
entendo que não se deve condenar
o poeta, si ha outros peccadores
no mesmo genero, como Machado de
Assis, Haymundo Corrêa, Castro Alves
e outras notabilidades que não
me vêm a mente neste instante, e,
aliás disso, devemos mais uma vez
lembra, que o poeta contava apenas
16 anos, quando produziu seu livro.

Por tanto... sejamos condescen-
dentes, vejamos justo.

A *Opera* de Basílio Seixas, penso

eu, deve figurar na literatura bra-
sileira, não como obra prima, não,
mas como um prodigo do seu autor.

Campinas, 12-1-904.

ROBERTO PIRES

Dr. Luiz de França Almeida e Sá

Faleceu-se a 13 de Novembro do
ano passado, no Rio de Janeiro
onde exerceu o elevado cargo de I.

escrivário do Tesouro Federal
este nosso amigo e valente defensor
das doutrinas espiritualistas de Leon

Revol Denizard. Homem de rara
ilustração, polemista de temido, criti-
cismo severo e consciente e sobre-
tudo um coração generoso aberto a todos, *Urua*, foi d'aqueles eva-
gelizadores da humanidade que, pela

grandezza de seu espírito esclareci-
do e pelos nobres sentimentos de
caridade que o animavam, con-
venceu-nos de que ainda nem todos
os caracteres se acham arruinados e
nem todos os espíritos foram presos
da formidável corrupção que com o
nome de caridade corre mundo
afirmando devinhos um rastro de ba-
ixas inspirações? *Urua* foi mais, foi
modesto e tão modesto que rara vez
nos devinhos o seu nome firmado
as suas belas produções que tanto
aki como no extrangeiro fo-
ram publicadas.

O seu velo alliado á firme convicção
da verdade adquirida nas lições
das doutrinas científicas e religiosas
em que se aistara ultimamente tor-
nou-se tão absorvido que a sua activi-
dade na literatura protiva ficou
quasi improposita e estéril.

Deixou no entretanto algumas pro-
duções que muitos dos seus mais
muitos amigos não conhecem, por
quanto o delicado autor entendeu
que seu *Caríssimo* Bem ha saído
e que tudo quanto publicaria quando
moco cheio de illusões, era su-
perficial e digno de ser archivado.
E assim o fez. Dos seus trabalhos
mais conhecidos só tres: «Geogra-
fia do Paraná», «uma comédia em
5 actos intitulada «Os tres e as Car-
tas Espiritualistas», que é um folho-
to de combate às religiões das for-
mulas. Escreveu em quasi todos los
anos do Brasil e foi um verdadeiro
apóstolo do Bem. Recusou por diver-
sas vezes a carreira política, não
aceitou a sua nomeação para diplo-
mata e viveu na obscuridade, sem as
lounguejas phariseias dos leuvam-
briosos só esperando sereno e calmo,
activo e vencendor, o momento solen-
e de seu desprendimento e assim
partindo em busca do incongrável
para a cidade arcaíscular dos my-
sterios chamado por Mina Esperan-
ça — o formoso Paiz dos Soghos.

— criticó

No proximo numero publicaremos
a critica do livro de poesia, do
Senhor João Clímaco, intitulado
«Versos»

Fazenda da Atibaia

Por falta de espaço, deixa de sa-
hir no presente numero a agra-
dabilissima impressão que tivemos em
um passeio que a 29 do p. m., fizemos
à importante Fazenda da
Atibaia, propriedade do nosso estimado
amigo Sr. Joaquim Araujo.

No proximo numero, cumprimo-
mos esse dever.

Centro Litterario dos Homens de Cér

De ordem do respectivo Presidente
convida-se a todos os socios desde
Centro a reunirem-se em Asses-
tâncias Gerais, no dia 31 do corrente
mes, no edificio social, affim de se
discutir os Estatutos e tratar de se-
assumpos que interessam ao mesmo
Centro.

O Secretario

Major Antonio Sarmento

No momento em que vamos em cam-
po, pugnando heroicamente por uma
grande luta, este velho defensor da
raça negra o abnegado jornalista
que tanto trabalhou pelo engrandeci-
mento de Campinas, nós, respeito-
samente curvamo-nos diante do seu
velho e elevamos uma prece solene-
sa ao Grande Palpará que o ajude
e obrejo na senda espinhosa da sua
vida de benfeitor.

Salve! Antonio Sarmento!

Fallecimiento

E' com o mais profundo pesar que
registramos o infunso passamento
de D. Andreia Alves, ocorrido a 5
do corrente, nessa cidade. Na idade
primaveril ninda a lindosa senhora
era estimada e idolatrada por todos
que tiveram a delícia de conhecê-la
perce o seu grande coração e os nobres
sentimento religiosos que tornavam
respeitada memória d'aqueles que
não compartilhavam das suas
crenças.

A Exas. familia de extinção jovem,
os nossos sentidos pesames.

O Mundo Oculto

D'esta distincta agrégation scien-
tifica, recebemos honrosa circular,
pedindo a remessa do nosso humil-
de jornal,

Com todo o prazer atenderemos.

"Echo da Impresa"

Esta Agencia de Extracion, en-
viou-nos uma delicada circular, con-
vidando-nos à remessa de dois nrs.
do «Baluarte», v. com a condição
d'ella fazer a propaganda do nosso
jornal e enviar-nos noticias e in-
formações relativos ao programma,
que seguramente, já respondemos.

Diversões

A Companhia equestre Fernandes & Melo que ha quasi 2 meses trabalha em Campinas, tem sido ultimamente o unico ponto de bôas diversões para a nossa sociedade.

Ha muito tempo que não vemos concorrência tão assídua e de tantas famílias aos círcos de cavallinhos si não a destas temporadas da C. Fernandes & Melo.

Realmente, os trabalhos são os mesmos de todas as epochas, porém, são desempenhados com tanta perfeição que tem atrairado para o velho e tradicional Rácrk entusiastas sobre escherées. Antes iso.

Falta de espaço

Ficam para o proximo n. grande numero de pedações que não publicamos por falta de espaço.

Pedimos desculpas aos nossos colaboradores por esta falta involuntaria.

BOAS FESTAS

Recebemos cartões de boas festas das seguintes pessoas, aquem muito agraciadas: Dr. J. M. Gómez, Dr. J. M. Gómez de Campos.

Carlos de Toledo, João Salgado, Waldomiro Antunes, André de Camargo, Nóbrega de Camargo, Joaquim Olympio, Francisco Rangel, J. Baptista Marques, Nelson Sávio Filho, Henrique Pinto, D. Flávio Barros, Joaquim Antônio Leite Oliveira, Manoel Freitas Pinto Filho, D. Adriânia de Paula, Antônio Antunes, Alexandre Bassio e outros.

Arraial Sozinho — do sr. Mercêncio Alves Cordeiro do nro. João Carvalho da Fazenda São Pedro, dono A. Machado da Fonseca e José Egídio de Souza.

Da Biblioteca do Centro de Clases Operárias do Rio de Janeiro, recebemos um artístico cartão assinado pelo sr. João Domingos Carvalho.

Da acreditada livraria Gonçalves, nos destinguiu com 3 belas felhinhas para o presente anno.

Inteligente amigo sr. José Augusto Marques, também recemos um belo cartão com duas festas, com os seguintes versos:

A Redação do BALUARTE

— Salvo 1904 —

Ali rapidos sôs as folhas de verão,
— mas não sempre à base da classe;
Ali breves sôs os ventos tempestuosos,
— e o dia de cada galinha sempre novo.

Ali sôs os solos férteis e amarelos,
— evocando orgulho e fuga à fome;
Ali sôs os rios que se agitam,
— e os mares que se agitam;

Ali tristeza, pena, mas não pena!
Ali vés cinzas e cinzas, mas não pena;
Ali sôs os corações para esconder!

Ali quando não vêem, os bôs festas
— seguram noceiros bôs medonhos;
Ali sentem o cheiro do BALUARTE,
— mas no bôs medonhos que

Campinas, 1-1-904.

Do amigo do progresso, J. Augusto Marques.

Agradecemos profundamente reconhecidas acitadas saudades e presentes augurando a todos os nossos amigos um anno feliz e cheio de prosperidades.

Visita

Recebemos a do nosso velho amigo e estudioso meigo Sr. João Clímaco, apreciado autor das « Versas » ultimamente dado a luz da publicidade.

Gratos

Sociedade de Psychologia

Inaugurou-se no dia 19 do corrente nessa cidade o « Mundo Oculto » sociiedade dedicada ao estudo analítico da psychologia.

Foi presidente honorário da Assembleia o sr. José Alfredo Sehor e vice-presidente o sr. Dr. Henrique Floriano e Octaviano Anacleto.

Usaram da palavra por diversas vezes os srs. prof. João Marçalo, José A. Schor, Henrique Serra, Theophilo de Siqueira e o redactor desta folha.

Nossos parabens a distinta agrégation científica que vai prestar serviços de alta importância a nossa sociedade.

Convite

Da sociedade « União Faz a Força » de Rio Claro, recebemos um ofício convidando-nos para assistirmos aos festejos do seu 4.º aniversário, terceiro lugar a 16 do corrente no prédio do Sr. Tenente Samoil Colli La estaremos.

Jaguary

Tiveram brilhantismos os exames e as festas do encerramento do anno lectivo da escolha de paguery dirigida pelo competente educador o nosso am. Sr. Alexandre de Carvalho.

Por falta de espaço deixamos de publicar notícia circunstanciada.

Nossos parabens.

Senhor dos Passos

Da importante folha denominada « Correio do Sertão » que se publica em Santa Cruz do Rio Pardo, extraiemos a seguinte notícia que, pela sua originalidade aplicamos ao nosso distinto amigo Sín. M.

Antigamente, no interior de S. Paulo, quem fazia as vezes de Senhor dos Passos, no andar da procissão era um dos vereadores. Nesse anno tocou, a vez a um vereador, muito gordo e papudo. Ao passar em uma rua estreita e cheia de mercearia, os espinhos arranharam o rosto do senhor que, furioso gritou: — Diabo leve Iquê, querer ser Senhor dos Passos nessa terrá! (sic)

Mudança

Obras

Comunicamo-nos a exma. srta. d. Amélia de Paula, que mudou o seu atelier de costuras da rua M. D. D. D. n.º 9 para a da Consolação. Obrigada.

Les annales Diplomatiques et Consulaires

Derido a gentileza do sr. Florentino Mandonnet, temos em mãos o n.º 6 da importissima revista francesa, publicada em Pariz.

Entre os bellissimos artigos que estampa depõremos com um cujo epígrafe já é um irresistivel reclame: *La route Notre en Amérique* (Lettre do Dr. Vilas Consul d'Itália, su President Roosevelt).

Prometemos traduzir-a para a lingua vernacular e publicá-la na integra o proximo numero d'O BALUARTE. Somos gratos ao sr. Mandonnet, pela sua nobre lembrança.

"Correio da Casa"

Sr. Francisco P. d'Olteira — S. Paulo.

Endio V. S. não quer nos honrar com a sua collaboração? Por favor, faça endividado com a gente que nem mesmo respondeu a missiva? Esperamos sua valiosa collaboração.

Sr. João Campos Junior — Rio.

Não recebo o nosso pedido?

Sr. Francisco Pedro d'Olteira — S. Paulo.

Estamos esperando vossa resposta. Não accordei a proposta?

Mitos Portugueses — Campinas.

O artigo do sr. J. Marçalo não é objecto a sobre colonia portuguesa? Por favor, faça endividado com a historia que leu nas suas páginas, e, parecendo-nos que uma tal afirmativa não é FALSA DE VERDADE, quando sabemos que, incontestavelmente, ella é expressão do sr. de M. de Marçalo, vergonhoso por não haver das quais remotas tempos de anno de 1450.

Accordiamo a polémica.

Marcelino Franco, A. Souza.

Será atendido quando os Estatutos forem confeccionados. Os versos sabem o outro numero.

Obrigado.

Uma tarde de primavera

Uma tarde de primavera

O sol sepultava-se nas planas do Ocoço com as áres de quem vai recolhendo-se para os seus aposentos.

Na abóbada, a sombra de um

E os meus inseparáveis amigos Claudio e Motta, estávamos promovendo para o custumeiro passeio da tarde.

Sahinos, desastridamente, vagavamos, a palotear e a rir enquanto uma orla de parças e finos ouros desmaiava-se no pônte.

Quando não esperavam que já estavamos no plantio do Guanabara perdidos, pela malta sólido ...

Aqui ouviamos o alegre cantarolar dos passaros que em magnificas vóis ilhavam demoda dos seus ninhos ali, escendo, às mais escondidas: eram entoços, tido eram encantos, todo eram cantos, tudo eram encantos: oprimiam-nos os cantos das aves, todos elles estreitamente vinculados a esse encanto da natureza.

As funções da natureza não se exercitam com a necessaria regularidade,

Estamos já de volta por uma larga estrada respirando o ar puro da noite com um luar claro como o dia.

Disse-me o Motta: sinto minha alma pressa em dias de tristezas.

— Porque?

Eu amo, respondeu-me. E, eu já amei, disse-lhe, e olha, fases como eu fiz, que hoje tenho bem junto eu mim e se Deus não mandar as avessas, assim estaremos até a morte.

« Mas, é um anjo quem eu amo, um anjo encantador que de momento lo remoço, não resta-me a existencia, mas faltam a coragem para ...»

Quando elle andou em nos praticando, exatamente. Oh! que amargura! Minha alma é pressa desse amparo, é subjugada pela ferro e esmagadora dor de incerteza.

Passo a palavra, Claudio, chegou tua vez, respondi-lhe.

— Já que queres o amigo, lá vai latim, Tu, ama loucamente e desloucamente o meu, afirma-te a conquista da sem, mas quella — um, dois e tres... ou pega ou tabo!

Quem é homem cavaleiro não cabendo barro, digo do cavalo.

Quem sabe serás correspondido? Quem não affraca sua pratica e a coisa é essa.

O meridiano da terra da Matriz, nesse momento nos chamara trabalho.

Movemo-nos em busca dos nossos ninhos conjugas, porém quando chegamos no posto central da cidade, ali no Santos Dumont, despedimo-nos ligeiramente e o Motta suspendeu triunfante um suspiro unido de amargor, onde a esperança do futuro parecer estar escondida.

— Contado da Motta!

— Vocês não me insultam e, das lagrimas rolam, necessitam conseguirem de cristalino orvalho pelo fisco do bom de Motta.

Campinas 15-12-1903

Argos.

O ASSEIO

A impressão é a vida do mundo; é o todo individual de todos os actos de patrocínio; é o tempo de trabalho e de recreio, disse-me.

Vivemos isso.

O asseio não constitui um simples procedimento higiênico, é também um procedimento de cultura.

Não refuta-me o anseio de habitação ou dos costumes paupérrimos, para simular incorparar-me do asseio do corpo, que infelizmente não temos considerámos, quer observadores, n'ela aprimorando-nos entre todos os homens de obra.

O que se mostram desculpidos em indecências não calculam e mal querem a si-mesmos, pois, essa falta, de observação do asseio procede da hygiene, que recomenda o máximo de higiene, e que é a razão da existência das doenças.

Os escravos para a individualização das doenças.

se basta isto para explicar o offerecimento e consentir o desenvolvimento de maldades e crimes.

Ao mesmo tempo que se vai aos poucos sacrificando a saúde, eris o individuo para si a triste reputação de mal educado, apresentando-se em sociedade de modo á incomodar a todos por um contacto que a ninguém agrada. E' certo que as conveniencias sociais nos induzem a condenar e evitam a comunicação de gente pouco acostumada a nadar exterior, que a possa molestar ou que faça compreender o pouco invejável papel que representam na sociedade que as tolera, graças as mesmas conveniencias sociais. Não há pior, um só péssimo de mediano, achar que é degradante, que possa deixar de notar e comummar o triste hábito do ponço assento. Ninguém fala no individuo que apresenta mal em um círculo de amigas do desculpo de seu trato, de nuscerdo de que elle revela no seu todo, mas todos comprehendem o que é degradante e concurvado e todos a guardam qualificação, e dardamente aquelle que se mostrou desviando das boas regras de conduta que deve observar junto de seus parentes.

A qualidade de pobro ou de possuidor de modestos recursos não explica o porquê da falta de asseio das roupas e dos cabelos.

Una exaceba, agua e sabão constituem os elementos simples que permitem a todos a conservação da limpeza de roupas e do corpo, e por mais modestos que sejam os recursos de que dispomos, com aquelles mesmos recursos de todas boas podemos fazer nos proporcionar uma sociedade de modo digno, decente, dando mestres de educação, que é o mais delicioso e fino caratístico do homem civilizado.

A propaganda no sentido de extinguir-se dos nossos hábitos sociais e tratar abuso de desprazer tudo que se refere ao homem, é um mal, devo começar no assento das laranjas e assim, as esposas, as filhas e as irmãs deverão se constituir em se transformar em anjos protetores do nome que descenda d'este dever.

Será ilusão pensar que não temos de descer a mulher mais este beneficio, mais cedo ou mais tarde, com apoio em favor das homens.

O conhecimento que tenho dos benscurios que se ocupam no coração da mulher empinaria, leva-me a afirmar que não é uma ilusão a convicção que nutro de que ella se devorará, com grande sinceridade e fervor, em prol da ideia que preside a elaboração deste artigo.

S. Paulo, 11-1-94.

BENEDICTO DELPHINO DE CAMPOS

ONDE A JUSTICA?

Nossos leitores devem estar lembrados do barbáro assassinato ocorrido em Santa Cruz do Rio Pardo, provavelmente contra o preto de nome Brasil. **Foto**

E' indigesto assilar dessa scena revoltante, um moço parente das primeiras influências partidárias de lugar ou melhor fallasso dos chefes políticos d'aquela infeliz cidade onde o cannibalismo campesi alívio e o orgulho do massacrante triunfador devasta a terra. Porque é porque a lei é actualmente uma palavrão morto e a nossa constituição é um amontoado de disposições teóricas sem aplicação prática.

Para olhar as apparencias e obter a riguroso inquerito com todas as formalidades da jurisprudencia processual.

Mas, que inquerito foi esse, onde os funcionários proeminentes são

os proprios parentes da parte accusada? Porque não foi nomeado um júri especial para dar casaco, mais seriamente o processo instaurado? Porque não houve vontade de obrigar a dispenso da lei vigente desta Republica anarchista pelas autoridades que deviam prestigiala para a salvaguarda do nosso carácter e para a própria estabilização moral da politica do Governo? Isto é. Tudo caminha na onda do disposto, mas é pena que a lei, o que é sássimo não é, em certos critérios, a propria lei; o latido saltador também é a lei, achanhão dos miseráveis detratores nôs é uma hyde preconhece, mas também é a lei, nôs, neste principio do século XXI.

O crime ou o crime é a lei, a justa não existe ali que um dia as escravas não apontaram o oportuno mais barbáro, mais baixo e cruel que habita este mundo de miserável, e cheio de tumultos de horrores.

Mas, desencanemos os potendados sem sentimentos e sem amor à tradição e cultura da velha e nobre Brazil, descansem porque o proprio ser humano é sempre o honore de pessoas nôs, e no que hoje serve de mecanismo automático as machinacões perfulas e baixas dos inquisidores serlantões, será ainda o ponto de homem quando na conquista do seu direito reabilitar-se perante o mundo na resolução de suas tristes corrompidas. A Historia é o Tribunal territorial dos tempos, onde serão julgados com sentença que formina aquelles que matam impunemente os individuos inoffensivo cujo unico mal é o de ter a epidemia negra!

O progresso, a civilização e a dignidade do homem livre, dará fim ao regime da servidão, onde a morte é nôs quando aquelle que mata é alguma coisa.

Caduquices d'un velho

Não sei bem em que parte da europa, parece-me que foi em Pirassununga, um advogado a martelo que quando Deos queria era temido o capitão da guarda, (eu nô sei de que guarda) mas, o caso é que o nosso doutor capitão estava um dia accusando um pobre diabo que metlerá uma vaca nas barrigas, digo uns ficas nas salincias intestinais d'um gregoriano dentista...

Ora, acontece que o homem davava muros sobre a mesa e herava possessamente como um doido enraevecido.

Este tinha rasgo, oh! díssos... que é aquillo! Onde os senhores leram rasgo, blam razão...

«Pois senhores, diria o jurisperito, quem não condenaria esse réu, es-
se papero repellente! Quem senhos-
tes! E o que mais enches de odio
e o mesmo tempo também de
compaixao foi a dor pântica que o
cadaver soffre, por terem lhe cortado as orelhas!»

Esse cadaver phenomena capaz de dar susto ao proprio Hypocrate que sempre ignorou mesmo depois da celebre descoberta de Volta, que os cadáveres ressentem como qualquer um vivo, da dó, da sensação e esta sugestão as contráries nerrossas epilepsias, encontrou agora um emulso desorientado que levanta-se so-

sombroando a humanidade e vai procurar o Belchor nas profundezas aquáticas (sic) olha, este si vai encarregar que o Bueno esfrug o colho... e... nôs profundezas aquáticas do Mogy caudaloso.

Anuncia-nos essa nova o nosso bom collega «O Pitanguerense» que nôs mandou meia dúzia de pitangas lá para os genies d'outro mundo. Isto vai tudo de pés para a cabeça os cadáveres sem auxilio do balão, *terramos-se, suffrem de phisicas jogos no bicho, volem nas elecções, pântam a manta e o proprio diabo a quatro agora já ande de tres (figa!) Nos meus tempos de moço a colas era muito diferente: a gente devia morrer feaca pra li de canelas esticadas, duro como um ossa o troz qual espeto, vestido como podia e nôs fallava, nôs comia e nem bebia agorá, hoje os cadáveres levantam-se e vão tomar banho... nôs Mogy Guassá!... Figa, esbadó!!*

Calixetro

Chicoteando...

...segundinos parentes e cadáveres segundinos e desorientados sobre o rolo etc.

D' o O PITANGUERENSE

Quem na Grecia, quem na China
Quem de mais saldo bestento
Ja levo levantando um deusito
Contra as leis da misericórdia?

K. Brito.

Collegio de São Benedicto

Conforme anunciamos no segundo numero dessa folha, realizaram-se neste collegio os exames de encerramento do anno lectivo cujo brillantissimo resultado abaixo publicamos.

Resultado dos exames realizados nos dias 15 e 16 e 17 do corrente mes. Secundo semestre (curso preparatório).

Approvedos com distinção grão 12, portugues frances, arithmetica, geografia phisica calligraphia escrituração mercantil e sciencias phisicas e naturaes. Plácido Braga, Edvaldo Benedito de Paula, Albinho Fernandes, Cesar Patrício, Augusto Tijol, Manoel de Freitas, Pedro Júlio, Henrique de Sá, Joaquim Rodolfo, Antônio Benedito Salles, Euclides Fernandes, Francisco grão 10; Antônio Barata, Agostinho de Camargo, Antenor Mendes Claro, Higinio de Arreda grão 9; Benedito Félix da Fanecke e André José Vallerio.

Curso intermedio (1. e 2. serie).

Approveda com distinção grão 1. Josefa Maria de Conceição.

Pienamente, grão 2. Margarida de Carvalho. As demais foram approvedas.

Na classe de 1.º anno foram promovidos a 2. classe séries I e II. Os alunos do curso preparatorio.

a 4. classe séries I e II. Os todos os cursos elementares e a 2. classe, séries I e II, e todos os do curso de adaptação.

Na classe de 2.º anno foram promovidas a 3. classe séries I e II. Todas a 3. classe, séries I e II. Todas, as do curso intermedio e a 1. classe.

Na classe de 3.º anno foram promovidas a 4. classe séries I e II. Todas as do curso de adaptação.

A comissão examinadora foi composta dos seguintes cidadãos: Prof. Dr. José Gómez Teixeira, Ex-Professor da Escola Central, Coriolano Mello, Examinadores Manoel Saturnino Sales, habil professor do excellentíssimo Exferente de São José, Camillo Machado, d. Maria Luiza Pacheco e Silveira e Francisco José de Oliveira, directores de ambas as secções do collegio.

Não compareceram a prova oral, 3.

2. Serie

Approvedos plenamente, grão 10. Em leitura, calligraphy, dictado, arithmetica, contabilidade e noções de geografia, Donato Tiriba, André da Silva, Alberto Araujo, Francisco Alves, Frederico Peterson, Angelio Fugazza, Arnaldo Rodrigues, Raymundo de Oliveira, Pascual Lompario, João Pereira e João Morelles.

(Curso elementar 1. Serie)

Approvedos plenamente, grão 10. Em leitura, calligraphy, contabilidade, noções de gramática e geografia, pratica, José de Abreu Cordeiro, Henrique de Oliveira, Joaquim Christiano Alves, José da Costa e Ribeiro, de Camargo, Simplício Ferro, Ed. Arthur de Oliveira, Floriano Telles, Luiz José de Freitas e Antonio Lompario. Não compareceram à prova oral 3.

3. Serie

Approvedos plenamente, grão 8. Em leitura, calligraphy, rudimentos arithmeticas, Benedicto Elípido, João Pinto de Melo, Julio de Souza, Antônio da Faria Leite, José Salgado de Amorim, Antônio Antunes, Manuel Cabral, Sebastião Egídio, José Pereira, José Joaquim Leite, José Lotufo, José Palermo, José de Paula Costa, José Casimiro Darcio, Pedro Silveira Franco, Armando Izidro dos Santos, Armando de Oliveira, José de Oliveira, Domingos Cyriano, José Benedito Egydio, Francisco Bichara, José Gómez e Sebastião Alves, Simplício Ferro e Francisco de Camargo, Antônio da Paula Campos, Hypólito Epifânio, Sebastião da Costa e Pedro Farinha, Não compareceram à exame 3.

Curso primário ou de adaptação.

Approvedos plenamente, grão 5. Em leitura, escrita e numeracione. Walcimiro Alves, José Gómez, Fausto Padula, Joaquim Leite de Oliveira, José Leite de Oliveira, Antônio Henrique e Ignacio Gaibelline. Não compareceram à exame 3.

Secção feminina (curso preparatoria.)

Approvedas com distinção, grão 12. Em portugues, arithmetica, geografia, calligraphy, mercantil e sciencias phisicas e naturaes. Ernestina Ferreira, Guilhermina Benedicta da Conceição, Olília dos Santos, América Teixeira, Floria Pereira e Inália Franco. Não compareceram à exame 3.

Secção feminina (curso preparatoria.)

Approvedas com distinção, grão 12. Em portugues, arithmetica, geografia, calligraphy, mercantil e sciencias phisicas e naturaes. Ernestina Ferreira, Guilhermina Benedicta da Conceição, Olília dos Santos, América Teixeira, Floria Pereira e Inália Franco. Não compareceram à exame 3.

Curso intermedio (1. e 2. serie).

Approveda com distinção grão 1. Josefa Maria de Conceição.

Pienamente, grão 2. Margarida de Carvalho. As demais foram approvedas.

Na classe de 1.º anno foram promovidos a 2. classe séries I e II. Os alunos do curso preparatorio.

a 4. classe séries I e II. Os todos os cursos elementares e a 2. classe, séries I e II, e todos os do curso de adaptação.

Na classe de 2.º anno foram promovidas a 3. classe séries I e II. Todas a 3. classe, séries I e II. Todas, as do curso intermedio e a 1. classe.

Na classe de 3.º anno foram promovidas a 4. classe séries I e II. Todas as do curso de adaptação.

A comissão examinadora foi composta dos seguintes cidadãos: Prof. Dr. José Gómez Teixeira, Ex-Professor da Escola Central, Coriolano Mello, Examinadores Manoel Saturnino Sales, habil professor do excellentíssimo Exferente de São José, Camillo Machado, d. Maria Luiza Pacheco e Silveira e Francisco José de Oliveira, directores de ambas as secções do collegio.

Campinas, 17 de Dezembro de 1903.

Francisco José de Oliveira.